

PREVENDO O GRANDE CRASH EM 2007

Por Magrão & Dutra

Análise do Relatório – “Magrão”

O objetivo desse artigo escrito é revisar os dados apresentados naquele relatório e fazer comparação com o momento presente. Deixamos bem claro que a previsão de Crash em 2007 não é do Jonas Fagá Jr, mas sim de nossa análise e estudos. A previsão de Jonas é de que isso possa acontecer entre 2006-2010 aproximadamente.

Em 2004, o dólar estava beirando três reais (em 30/01/2004 o preço era 2,94). Pequenos investidores começavam a operar via Homebroker (HB), enquanto muitos conservadores decretavam que seria impossível operar via HB ou via plataforma porque o verdadeiro lucro tinha de ser somente em operações via telefone (o que é uma grande inverdade). O que ainda permanece de 2004 para cá é que apenas uma pequena parte das pessoas realmente consegue ganhos consistentes e isso só com método, disciplina e experiência. Nos EUA, as estatísticas mostram que 5% dos traders conseguem lucrar com opções e a maioria vai à falência em 2 anos. Quanto a ações, bons ganhos são considerados 2,41% ao mês (5% dos investidores conseguem esse valor nos EUA) e excelentes ganhos são considerados lucros de 4,86% ao mês (1% apenas chega aqui) 1. Ainda que o dia do juízo final da bolsa chegue, você acredita estar preparado para esse dia? Esse é o grande "insight" do relatório de Jonas.

A idéia de se operar em longo prazo e diversificar, colocada no relatório do Crash, é interessante. Não diversificar somente comprando apenas ações, mas aliar a compra de determinadas ações promissoras num futuro próximo com a compra de moedas mais lucrativas. De que vale uma valorização da carteira de 50% com desvalorização cambial de 40%? Entender a economia é algo que pode ser difícil, sobretudo para quem não é economista. E há de se considerar a inflação em cima do lucro do investidor, e ainda se a aplicação foi feita no Brasil ou foi realizada por um aplicador externo como comenta abaixo o Prof. José Outra Vieira Sobrinho. Será que o investidor realmente teve 40% de lucro? Aquilo que estamos falando de lucro pode-se tratar na verdade de prejuízo, já que do lucro devesse abater a inflação e a desvalorização cambial à grosso modo. E mais, a idéia de comparação do dólar frente às demais moedas estrangeiras ainda complica ainda a análise pura e simples do que é realmente o lucro.

A destruição de riqueza por contratação de dívidas foi a idéia principal desse relatório. Por que as pessoas vão à falência? Por que chega um ponto que muitas pessoas não conseguem vencer o saldo negativo que impõe uma força avassaladora maior de juros compostos? A idéia de bolha imobiliária foi abordada nesse relatório bem antes das ações subirem e alavancarem como fizeram em 2005 e 2006. Será que o que estamos vendo é lucro real nos EUA? Será que mesmo um país em guerra, lutando por petróleo no Iraque está com sua economia tão forte assim para que o Dow já tenha balido 12.636 pontos versus o que estava em 2004, em 10.600? E mais, o IBOV que estava em 20.000 pontos em 2004, hoje se encontra em 46.000. A análise do Relatório de Jonas Fagá Jr., comparando o que aconteceu antes da crise de 1929 e da crise de 1837 são notáveis. E não só do ponto de vista econômico, mas do ponto de vista gráfico, cito que existe uma semelhança característica. Isso porque antes dos grandes Crashes, passamos por tempos

muito ímpares na Bolsa de Valores, com crescimento espetacular, aonde tudo sobe, tudo dá lucro. Qualquer semelhança com o momento atual... é mera coincidência?

E dentro de vários estudos, entre eles, até do fenômeno Delta (aonde o mercado move-se em um padrão de tempo, e não num caos e movimentos erráticos como alguns acreditam), 2007 parece ser o ponto importante de possível topo dos topos a meu ver (o temível ponto 14 para os comprados). Divido o mesmo raciocínio de Jonas sobre o Delta. Um Crash da Bolsa de Valores em 2007 é possível. Devemos ser cautelosos. A idéia de investir uma parte do capital em ouro, o primeiro padrão de riqueza, e o mais amplamente utilizado ao longo da história, é excelente.

Moedas atreladas ao ouro, como o Franco suíço, são interessantes como defesa de carteira, caso uma grande baixa esteja por vir, por exemplo. O ouro que antes era guardado às sete chaves em grandes reservas nos bancos ainda existe; entretanto, como a moeda americana é forte, os títulos públicos americanos abarrotam os cofres dos Bancos Centrais por todo o mundo.

E se acontecer algo ao dólar? Não será algo que irá afetar somente os EUA. Uma crise mundial poderia ser desencadeada. Entretanto, esse artigo não objetiva criar pânico para o novo investidor que está agora entrando para a Bolsa de Valores, nesse momento que é notícia nos jornais, na fase em que todos que não tem ativos na Bolsa parecem estar perdendo o bonde da história. Poupança ou renda fixa com menos de 1 % ao mês, se ações disparam e muitas delas geram 2,5 às vezes 10%; ao dia, para quê?

Sabem o que mais vale no século 21? Não é o ouro, não é o dólar ou o petróleo. É a informação. Quem detém informação não tem medo de crise, e, na verdade o sonho de todo o investidor mais agressivo, é que exatamente haja uma crise, que tudo fique barato para comprar e levar de caminhão. Ou ainda, fazer operações que demandam maior conhecimento e que envolvam venda de Índice ou de opções para proteger a carteira (e mesmo para pura especulação).

Caso um investidor possua a informação correta, pode-se antecipar à crise e transformá-la em uma excelente oportunidade. E quando o sangue corre solto pelas ruas é que pode aparecer a oportunidade já dizia o Barão de Rothschild. "Mas que sangue? Eu só vejo lucros e dividendos na minha conta", poderia pensar um comprador em ações. Realmente, não existe sangue no momento. Na verdade, quem sangra atualmente é o dólar, por enquanto, que hoje beira os 2,00.

Análise do Relatório do ponto de vista da Matemática Financeira • José Outra Vieira Sobrinho sobre o relatório do Crash, confesso que tive dificuldade para entender algumas questões, entre elas a que envolve a relação variação cambial X valorização de ações X inflação. Em se tratando de um investidor interno, são válidas as colocações do autor: é muito importante que se compare o rendimento obtido no mercado acionário com a inflação no mesmo período; assim, se em um negócio com ações o investidor ganhou 20%, e, no mesmo período, a inflação do país foi também de 20%, o seu ganho real foi zero, independentemente do comportamento do câmbio; caso a inflação tenha sido de 10%, o ganho real foi 9,09%; e caso a inflação fosse de 25%, esse aplicador teria tido uma perda real de 4%. Obviamente esse raciocínio é válido também para qualquer tipo de aplicação. Por outro lado, se tomarmos como exemplo um aplicador externo, a análise muda. Caso tenha investido no Brasil US\$ 50.000,00 (equivalente a R\$ 100.000,00 com cotação de R\$ 2,00 por dólar) e o dólar tenha valorizado 20% (cotação de R\$ 2,40), o ganho de 20% obtido no mercado acionário seria neutralizado, e com isso, o investidor externo receberia de volta os mesmos US\$ 50.000,00. E, nesse

caso, o ganho ou perda real depende da inflação do país de origem do investidor; a inflação do país onde se fez aplicação não importa.

O autor destaca, com muita propriedade, alguns fatores importantes para os aplicadores potenciais, principalmente para aqueles com maiores recursos:

A qualidade da informação;

Diversificar sempre, qualquer que seja a situação da economia nacional e internacional (aplicação em ouro, moedas, ações, títulos ou imóveis).

Gostei também das abordagens sobre as causas dos períodos de depressão que tivemos desde 1837 até a década de 30 do século passado (citados nesse artigo mais abaixo). E as considerações sobre os problemas econômicos mais recentes envolvendo Estados Unidos e a China, realmente são importantes para se entender a realidade atual, e com isso nos capacitar melhor para qualquer previsão sobre o futuro. Achei bastante pertinente a observação: "A Rússia e o Brasil precisarão de muita incompetência para não dar um enorme salto de qualidade em suas economias". Concordo com isso!

Com relação a atual situação econômica mundial, entendo que é preocupante. Nenhum país pode gastar tantas centenas de bilhões de dólares com guerras e intervenções militares diversas, sem que esse fato resulte em consequências negativas para a sua economia, como acontece com os Estados Unidos. A realidade americana mostra claramente como um país de primeiríssimo mundo pode ser conduzido a situações complicadas e perigosas, como a que vive atualmente o mercado imobiliário: empréstimo barato com garantia hipotecária, e canalizado para o mercado acionário, cedo ou tarde, teria que trazer complicações, como realmente trouxe. Outro fator negativo importante é o déficit na balança comercial americana (em torno de 7% do PIB), talvez o mais elevado em sua história. Em contrapartida, outros países usufruem da situação mundial, como a China, a Índia e o Japão (ver artigo "A instabilidade internacional e o Brasil", publicado dia 8 de março, na Folha de São Paulo, de autoria do Paulo Nogueira Batista Jr). E quanto ao Brasil: todos esperamos que acorde; tem enorme potencial, mas, como sempre, somente assiste a partida; sempre nas arquibancadas, às vezes aplaude e às vezes vaia. Precisamos com urgência entrar em campo e também jogar!

Finalizando, quero deixar registrado que sempre acreditei na teoria do equilíbrio. Alguns países crescerão mais acentuadamente, vários ficarão estáveis e outros simplesmente encolherão. Embora eu não acredite em crise econômica internacional acentuada, no momento, o fato é que o mundo deverá sofrer grandes transformações nos próximos meses e anos, seguramente não previstas há 10 ou 15 anos atrás. E como disse Jonas Fagá Jr: "ESTE É O MOMENTO MAIS CRITICO DA HISTÓRIA".

CRISE DE 1929 - Crash da bolsa de Nova York.

Todos já ouviram falar da Crise de 1929. A verdade é que após a crise de 1929, que fez fundo em 1933, aquele que comprou em meio à crise fez fortuna. Isso ninguém diz.

A grande maioria dos investimentos era financiada através da contração de dívidas na crise de 1837. Já a crise de 1929 ocorreu da mesma maneira com títulos sendo emitidos em troca de empréstimos, pagando juros e mais juros aos detentores, exatamente como hoje em dia. Muita oferta com pouca demanda (procura), por ativos, fazem os preços caírem. Após a crise de 1837, foi decretado que o ouro viraria padrão balizador do sistema para limitar os débitos. Ouro e dólar tinham correlação linear e as pessoas poderiam se desfazer do ouro a qualquer momento. Só deveria haver, em papel, o equivalente em ouro nos estoques para limitar a capacidade de endividamento de uma nação. A lembrança histórica descrita por Jonas sobre a guerra que explodia em 1914

não poderia permitir aos EUA gastarem se estivessem atrelados ao ouro. E o padrão balizador foi desfeito para permitir que mais papel entrasse em circulação, permitindo aumentar a oferta, e diminuição da demanda. Assim, os preços caem num futuro próximo que estaria por vir. O novo surto de crescimento espetacular, os chamados "incríveis anos 20" faziam o mercado explodir ainda mais.

Foi somente após a alta espetacular nos anos 20 que a bolsa colapsou em outubro de 1929. A riqueza obtida de modo especulatório (ou seja, comprar na baixa e vender na alta), cenário de euforia especulativa, onde muitos enriqueceram sem a necessidade de produzir riqueza real, ocorreu em meio a excesso de dinheiro em circulação.

O mercado criava o dinheiro que pagaria as contas. Era simples. Além disso, as pessoas tomavam empréstimos nos bancos para especular com as ações na Bolsa de Nova York num processo irracional. E com mais alta, mais investidores obtinham mais empréstimos e compravam mais e mais ações. Era a "Máquina da infinita criação de riqueza". O dia que o sistema implodiu, e tudo veio abaixo, os mais endividados resolveram quitar suas dívidas e o medo tomou conta de todos que resolveram zerar suas posições.

o vício do endividamento fez pifar a "máquina da riqueza". E aí é juros sobre juros, os temíveis juros compostos. Como pagar tudo isso? Não se pode "penhorar" o futuro em troca do consumo imediato. Jonas lembra muito bem que os títulos públicos de 30 anos do Tesouro Norte-Americano (T-Bills) têm sido o padrão mundial de débito. E qual é a verdadeira capacidade atual do governo Americano de honrar seus débitos?

O presidente do FED, Bernanke, admitiu em relação ao déficit orçamentário de 2007: "felizmente, estamos tendo uma sensação de calma antes da tempestade".

O Departamento do Tesouro anunciou em 2007, que o déficit americano ficou em US\$ 162,2 bilhões, 25,5% menos do que o do mesmo período do ano passado. Nos EUA, o ano fiscal tem início em 10 de outubro resultado foi melhor apesar de o déficit de fevereiro ter alcançado a marca de US\$ 120 bilhões, 0,6% a mais em relação aos US\$ 119,2 bilhões de fevereiro de 2005. Já o aumento substancial do déficit em conta corrente dos EUA, de cerca de US\$ 140 bilhões no final de 1997 para mais de US\$ 800 bilhões em 2006, foi acompanhado primeiramente por um aumento no superávit em conta corrente dos países asiáticos e mais recentemente dos países exportadores de petróleo (OPEP). A grande questão que se coloca é como tal déficit será financiado durante a transição para o chamado "nível de equilíbrio", uma vez que, havendo financiamento, o processo tende a ser mais gradual e menos doloroso.

A comparação feita sobre os empréstimos e a aplicação dos empréstimos foi muito pertinente: "Imagine que você me vende uma casa mobiliada. Depois, você me empresta um dinheiro (o dinheiro com o qual eu lhe paguei a casa). Eu pego o dinheiro que você me emprestou e compro um carro de você. Então você me empresta mais dinheiro (o dinheiro com o qual eu lhe paguei o carro). Eu pego de novo esse dinheiro e compro de você uma fazenda. Daí você me empresta novamente esse dinheiro e o jogo continua".

Não parece boa essa situação? Eu tenho um carro novo, uma casa mobiliada e uma fazenda. Você também está indo bem. Você está ganhando dinheiro me vendendo produtos e emprestando esse dinheiro (investindo). Dinheiro que irá comprar mais produtos de você. Mas qualquer criança percebe que isso não é real. Isso não pode durar pra sempre. Chegará um dia onde você ficará preocupado de me emprestar mais dinheiro. O dia em que eu estiver lhe devendo tanto dinheiro, que o tamanho de minha dívida começa a lhe deixar em dúvida sobre minha capacidade de continuar pagando. Um dia, tudo isso tem que ser contabilizado e acertado". Alguma semelhança com as

finanças americanas? Se a dívida aumenta, o dólar cai e os títulos Americanos também caem além do financiamento estrangeiro começar a secar. Quem confia em dívidas?

Será que o dólar não está caindo frente ao déficit Americano? Será que a história não estaria começando a se repetir? Não seria hora de recolocar o dinheiro de volta ao Banco Central e começar a cortar gastos com guerras? Será que quem porta um título americano não deveria questionar a capacidade dos EUA de honrar suas dívidas?

George Santayana fala que aqueles que não conhecem a história estão condenados a repeti-la. Será que não estamos vivendo os "incríveis anos 2000"? Será que a bolsa, no momento, não vem nos mostrando a "máquina da riqueza" com várias ações com lucros significativos e micos (ações small caps) com lucros astronômicos do dia para a noite?

Será que você não conhece pessoas que pediram empréstimo no banco para investir na Bolsa de Valores de São Paulo? E compra gera mais compra, e vendidos que sofram porque o mercado Bull (mercado de alta) chegou para ficar. Será mesmo?

A bolsa que havia despencado 1.000 pontos com o Dow Jones, em 11 de setembro de 2001, continua em pleno fôlego hoje em 2007. Na época foram 6 semanas de quedas e, praticamente, 1.000 pontos no Dow. A economia dos EUA parece ser inabalável, e não importam guerras, ou ataques terroristas, nem mesmo dívidas. Será?

Será que o crescimento dos EUA não está sendo sustentado pela valorização das Bolsas? Afinal, investidores podem ficar ricos da noite para o dia.

Bolha de crédito, bolha imobiliária, bolha de endividamento e bolha de ações da Bolsa de Valores. Será que os EUA estão em recuperação financeira ou será tudo uma farsa, já questionava Jonas em 2003. Qual o verdadeiro lucro que existe nas Bolsas já que estamos enfrentando a desvalorização cambial do dólar? E se o dólar perder seu lugar, como reserva global de valor, o que poderá substituí-lo?

Será que o aumento dos valores dos imóveis e das ações está sendo criado artificialmente com a desvalorização maciça da moeda Americana?

Será que a política de juros agressivos instalada pelo FED não teria inundado o mercado de dinheiro barato com a grande desvalorização do dólar? Quando será que virá a forte correção necessária e esperada para corrigir as distorções? Agora que conhecemos a história, será que iremos repeti-la?

Essas e outras perguntas, além de possíveis soluções podem ser lidas no relatório em que esse artigo foi embasado. O relatório oficial escrito por Jonas Fagá que pode ser obtido por e-mail jonas@naveterra.org

2- Paulo José Nogueira Jr. A instabilidade internacional e o Brasil. Folha de São Paulo - dinheiro - quinta-feira, 08 de março de 2007
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi0803200706.htm>

3- A arrecadação acelerada reduz o déficit fiscal Americano em 25,5%. Valor on line em 13/03/2007:

<http://www.valoronline.com.br/valoreconomico/285/primeirocaderno/Internacional/Arrecadacao+acelerada+reduz+o+deficit+fiscal+americano+em+25+...614200684.html>

4- Rodrigo Luis Eboli. O desequilíbrio da conta corrente dos EUA e seu financiamento. Valor on line em 22/02/2007:

<http://www.valoronline.com.br/valoreconomico/285/eueinvestimento/49/O+desequilibrio+o+da+conta+corrente+dos+EUA+e+seu+financiamento...49,4165627.html>